



Ata de Reunião extraordinária do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural – COMPHAC

Aos **oito dias** do mês de **agosto** de **dois mil e vinte cinco**, em segunda convocação, reuniram-se no Auditório Elmano Ferreira Veloso, localizado na sede da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, sito à Av. Olivo Gomes, nº 100, Santana, nesta, **Sr. Washington Benigno de Freitas**, Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural - COMPHAC, os Conselheiros, **Dr. Wagner Hernandez**, **Arq. Robson Bernardo** e sua suplente **Arq. Sonia Vidal Di Maio** – representantes da Diretoria da Fundação Cultural Cassiano Ricardo– FCCR, **Arq. Lydia Norina Macharett Frangella** – representante da Secretaria de Obras – PMSJC, **Dra. Arq. Claudia Maria de Almeida** – representante do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, **Alessandro Rodrigues** e sua suplente **Maria Helena Nogueira Camargo** – representante do Clube Joseense de Amigos, **Prof.ª Dra. Katerine Roman Barreto** – representante da Universidade Vale do Paraíba – Univap, **Arq. Prof.ª Dra. Dilene Zapparoli** e seu suplente **Prof. Esp. Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca** – representante da Universidade Paulista – Unip, **Arq. Gilberto Alves da Cunha** – representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB, **Mario Lúcio Sapucahy** e seu suplente **Arq. Ricardo José Romano Veiga** – representante da Associação Parque Burle Marx – APBM. O presidente do Conselho, Sr. Washington Freitas abre a reunião agradecendo a presença de todos e pedindo licença para inversão de pauta, pois considera que a segunda pauta terá uma deliberação mais rápida, sendo assim, passa para o **segundo item da pauta**: “Conhecer, discutir e deliberar acerca da solicitação de validação de pequenas reformas no Sanatório Maria Imaculada - Portaria”, contextualizando que essa pauta já foi apreciada em uma reunião anterior e o Conselho deliberou sobre algumas adequações nos portões de entrada na portaria do Sanatório Maria Imaculada e convida o Arq. Robson Bernardo a fazer uma explanação sobre essa demanda, o arquiteto fazendo uso da projeção digital, lembra que nessa reunião anterior, foi pedida uma intervenção na portaria, onde foi aprovado o novo layout em seu interior, a abertura do portão de pedestre, ficando pendente a solução do acabamento dos portões, pois, inicialmente se previa a utilização de chapas cegas na configuração e o conselho achou por bem, que deveria se reproduzir o desenho do que já existe lá, sendo assim, foi aceita essa deliberação e agora estão sendo apresentandos, o portão reconfigurado, além de outras demandas para passarem pela deliberação do COMPHAC, primeiro, a solicitação para executarem a pintura externa do prédio, que hoje é monocromática em tom de “bege”, mas que a partir de investigações, prospecções pictográficas das paredes e o uso da tecnologia de Inteligência Artificial na análise de fotos antigas do edifício, embasaram a proposta de intervenção, de se ter as paredes, os grandes muros, pintados na cor “areia” e os barrados na cor “camurça”, obtendo assim, um destaque nas janelas e na modanatura das fachadas, outra demanda, se refere ao aumento de uma fiada do tijolo no muro em frente à fachada principal, pois alegam problemas de invasão e o aumento dessa fiada igualaria a altura com o restante do muro na lateral e nos fundos do terreno, tornando desnecessária a utilização de uma concertina tão alta quanto a que está atualmente instalada. O presidente abre a palavra aos conselheiros se manifestarem sobre essa pauta. O Arq. Gilberto Cunha relata possuir uma experiência em relação a fechamentos de



áreas na cidade, e considera válida a lembrança do quanto foi importante, a substituição do fechamento em muro do Parque Vicentina, pelo fechamento com grade e o quanto se ganhou com a vista do patrimônio, mas que agora está se propondo que esse patrimônio fique mais escondido, observa que apesar de não se tratar de um patrimônio público, é um bem preservado e propõe maior coerência nesse pensar, pois hoje quatro metros e meio agrada e fica na altura dos demais muros, mas daqui a alguns anos pode ser que seja cinco metros. O arquiteto sugere que se deva ter uma tratativa para que a cidade perceba isso também, não adiantando isolar e fechar cada vez mais os patrimônios e considera que seria um bom ganho, se uma parte desse muro, pelo menos na entrada, fosse aberto visualmente, com o fechamento em gradil ou vidro. Sr. Washington Freitas agradece ao conselheiro, considera pertinente o que foi exposto, no entanto, a proposta não é de elevar para cinco metros a altura do muro e sim, igualar com a altura da parte que já existe no entorno. O Arq. Robson Bernardo observa que foi até cogitado pelas irmãs, inserir uma grade para complementar essa diferença de altura no muro, porém, essa solução foi descartada, o arquiteto lembra também, que o Parque Vicentina Aranha teve seu muro substituído por grades, depois que deixou de ser hospital e passou a ser um parque público, o que não acontece com o sanatório, que continua tendo uma parte destinada como moradia e uma parte como hospital, sendo que as irmãs, consideraram que seria uma solução muito complicada para rotina do espaço, justamente por causa da questão de segurança interna. O Sr. Luís Fernando, Gerente de Infraestrutura do IPMMI responsável pelo Sanatório, ressalta que, o que está sendo proposto nessa reunião é apenas igualar a altura dessa parte do muro com o restante que já existe e relata episódios ressentidos de tentativa de invasão. A Irmã Vilma do IPMMI afirma que jamais foi pensado em esconder o Sanatório, que o alvejado é, cada vez mais evidenciá-lo, pois foi inserido na rota de turismo da cidade, com o processo da Madre Fundadora caminhando para a canonização e que o objetivo é torná-lo belo, manter a historicidade, principalmente por se estar iniciando o jubileu de 90 anos do Instituto, porém sem jamais esquecer a segurança das pessoas que lá estão e que são o valor mais importante para a irmandade. A Arq. Sonia Di Maio propõe a solução de gradil no padrão aprovado pelo COMPHAC em toda a frente ou pelo menos na complementação da altura do muro, deixando-o com um visual mais leve. O Sr. Luís Fernando ressalta que nas conversações com as irmãs a respeito da solução de complementação da altura do muro com gradil em vez de tijolos, elas recusaram alegando a similaridade de visual com a de presídios, o que lhes causavam desconforto, o que ocorreu também com a colocação da concertina, que só foi aceita por uma questão de extrema necessidade, mas que não havia a intenção de colocá-la. O Arq. Ricardo Veiga acredita que a modificação com relação à altura do muro irá pouco interferir no conjunto, preocupando-se mais, com a existência da concertina e questiona, se com a elevação do muro, não se poderia trocar a concertina por um tipo de ponta de grade de 10 cm de altura. A Arq. Claudia Almeida observa que o muro tem uma cor escura que é impactante e pergunta se não seria viável a ideia de uma cerca-viva para minimizar o impacto do muro, embora acarrete a questão da umidade e manutenção no mesmo. O Sr. Washington Freitas propõe que seja votada inicialmente a autorização para pintura das fachadas e a nova configuração dos portões e colocadas essas propostas em votação, são aprovadas por unanimidade. Após uma breve discussão em plenário a respeito do



uso de lanças e concertinas sobre o muro, o presidente coloca para a votação a proposta de nivelamento do muro com a substituição do padrão de concertina usada atualmente por uma concertina de 20cm de diâmetro, sendo aprovada por 8 votos a favor, 1 voto contrário e 1 abstenção. Retorna-se ao [primeiro item da pauta](#): “Conhecer, discutir e deliberar sobre o Restauro e Requalificação dos Galpões do Complexo da Tecelagem Parahyba”, o presidente lembra que essa demanda já foi apresentada em uma pauta anterior para o conhecimento do conselho, ficando deliberada a formação de um grupo de trabalho entre os conselheiros e entre os projetistas da Prefeitura e que após vários encontros, chegaram a uma proposta mais adequada para apresentar em plenário. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella é convidada a apresentar a atual proposta, fazendo uso da projeção digital, inicia agradecendo a presença de toda a equipe da secretaria e do secretário Alexandre Blanco que auxiliará na explanação do projeto, faz uma retrospectiva da última apresentação, lembrando o tamanho e a magnitude do projeto em questão, que possui uma área de restauro de fachada com mais de 11 mil metros quadrados e uma área de reforma da parte da cobertura com mais de 48 mil metros quadrados, com a recuperação de uma parte e uma intervenção maior em outra parte, repassa o levantamento de uso e ocupação atual e o levantamento das patologias, desprendimento, sujidades, micro-organismos proliferando nas fachadas, vegetação e o mapa de danos, explica que a área foi dividida em conjuntos, onde o Conjunto 1, que engloba a parte da Fundação Cultural, o Conjunto 2 e o Conjunto 3 que irão formar o Centro de Exposições e Convenções e a área onde hoje encontram-se as casas, que abrigará o Centro Administrativo. A arquiteta demonstra os galpões que passarão por uma reforma na cobertura, mantendo-se parte do madeiramento, troca das telhas, mas mantendo o formato industrial, e os galpões que sofrerão as adequações, para abrigar o novo Centro de Exposições com uma área de quase 22 mil metros quadrados e construção de novos conjuntos sanitários, cujo o layout é fruto das discussões no grupo de trabalho, como a implantação de uma área para pessoas customizadas. O acesso externo que unirá os pavilhões para exposições será feito com a elevação do nível das ruas, com calha de drenagem acompanhando o perímetro dos pavilhões, eliminando a necessidade de utilização de rampas de acesso, criando-se um grande boulevard, mantendo-se o contorno dos canteiros originais, com inspiração na intervenção feita na área da Cinelândia no centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo que no grupo de estudo, surgiu a ideia de se trazer uma cor uniforme, uma cor que não trouxesse um grande contraste para a fachada, um tom de cinza ou azul escuro, outro ponto modificado a partir do grupo de trabalho, foi a mudança da proposta da nova cobertura que antes mantinha o pé direito de 5 metros através de uma treliça metálica que se projetava por toda a área do pavilhão e agora adota-se um distanciamento equivalente a um módulo da construção em todo seu perímetro preservando a configuração primitiva da cobertura sobre esse perímetro e liberando o restante da área para implantação de uma nova cobertura com telha zipada, um pé direito aumentado e uma nova diagramação de pilares, mais distantes entre si e que devido a esse distanciamento em seu perímetro, não interferiria nas fachadas. A arquiteta passa a detalhar a proposta de implantação de uma passarela, estrategicamente colocada onde existia uma passagem de nível no antigo ponto de entrada de funcionários para a fábrica, trazendo um ponto de reconexão e de rememoração da conexão entre a fábrica e a cidade e apresenta também os pontos de



estacionamento, aproveitando o estacionamento do CEFE, dos bolsões na entrada do parque e a criação de novas áreas de estacionamento com mais de 200 novas vagas. A Arq. Prof.^a Dra. Dilene Zapparoli questiona sobre a necessidade de se elevar o pé direito na área dos galpões. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella explica que durante a coleta de dados para o desenvolvimento da proposta para um centro de convenções, foram feitas visitas técnicas, dentre elas, ao complexo do Anhembi Morumbi e constatou-se que quanto mais alto fosse o pé direito do centro de convenção, mais se ampliaria a possibilidade de uso em eventos, sendo esse, o parâmetro utilizado nessa proposta. A Arq. Prof.^a Dra. Dilene Zapparoli questiona se chegaram a estudar as instalações do Sesc Pompeia, pois a solução ali, mantém a configuração de um galpão industrial, mantendo a volumetria do telhado, que dá uma beleza peculiar e é um espaço que tem múltiplas funções, inclusive a parte expositiva que se trata de um projeto consolidado, de autoria de Lina Bobardi e que deu a solução para a ocupação dos galpões sem alterar a volumetria do telhado, a conselheira observa que, embora a proposta apresentada tenha buscado uma altura considerável para abordar outras exposições, tendo uma possibilidade múltipla, a fachada com portas com uma determinada altura, limita a entrada grandes volumes, visto que serão alteradas. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella explica que hoje, há uma modulação interna dos pilares de 7x7m e essa modulação é um grande impeditivo para a implantação uma maior área de exposição, informa que na primeira versão do projeto, conseguiu-se manter praticamente o pé direito primitivo, porém a principal questão era transformar a modulação atual dos pilares de 7x7m para uma modulação de 20x20m. A Arq. Prof.^a Dra. Dilene Zapparoli esclarece que nesse projeto do SESC, os galpões são livres, pois foi instalada uma estrutura de concreto armado nas bordas que lhes deram suporte para todo o volume do telhado, sem utilizar pilar e em galpões muito parecidos com os da tecelagem e que possuíam pilares de madeira na época, e os galpões estão livres atualmente, a conselheira considera essa intervenção proposta, muito impactante visualmente, talvez se pudesse manter a volumetria do próprio galpão. O Arq. Robson Bernardo lembra que a atual proposta foi concebida no grupo de trabalho formado para analisar o primeiro projeto e sugerir alternativas, no primeiro trabalho, a questão da modulação estava mais ou menos resolvida, porém não se conseguia uniformizar a solução para todo o empreendimento e o resultado final descaracterizava ainda mais os galpões, sendo assim, o grupo de trabalho chegou ao consenso em se manter uma margem modular no perímetro dos galpões, com a configuração primitiva da cobertura e liberaria a questão de modificação da distância dos pilares e do pé direito da cobertura que resultou na proposta que está sendo apresentada. A Arq. Prof.^a Dra. Dilene Zapparoli entende a colocação, mas esclarece que está contribuindo com uma outra visão, baseada em um projeto referencial que não mudou a volumetria, preservou toda uma beleza para um complexo, enquanto que nesta proposta foi tirada toda a característica de um conjunto industrial, considera que embora não tenha participado do grupo de estudo, respeita o que foi colocado, mas acha importante ter uma outra visão em que foi respeitada a possibilidade de galpões amplos, atendendo demandas de exposições múltiplas em uma solução arquitetônica que respeitou essa possibilidade e trouxe para dentro de um complexo, uma estrutura de concreto armado que deu toda a estabilidade possível, sem pilares internos. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella retoma a apresentação detalhando a



proposta para passarela que teria estais e que foi concebida para marcar toda a intervenção, todo o esforço de recuperação dos galpões da tecelagem, através da rememoração desse lugar, que era a antiga entrada, a antiga ligação entre a fábrica e a cidade e por onde entravam os funcionários da fábrica, a proposta é fornecer a visão a partir da Avenida Sebastião Gualberto e de quem vem para a Tecelagem e trabalha-la como um marco dessa nova fase que a prefeitura está propondo para os galpões. O Sr. Washington Freitas agradece a apresentação feita e ao grupo de trabalho de conselheiros e técnicos que se dedicaram a fazer as modificações e as alterações em cima do projeto inicial e abre a palavra aos conselheiros que queiram se manifestar. A Arq. Sonia Di Maio comunica sua intenção de expressar em suas palavras “uma colocação técnica com a visão nossa, sempre que a gente faz no patrimônio avaliado, não é a visão da equipe, é a visão da técnica profissional do departamento avaliando as considerações”. “Eu tenho um desconforto no todo. A ideia, a concepção de ter um local de eventos, é por aí, é isso? O que às vezes me dá uma insegurança, o que está sendo deliberado? Ao mesmo tempo que a gente está deliberando um estudo, um anteprojeto, para ser contratada uma empresa pela prefeitura... eu entendo o que é fazer uma licitação para ela desenvolver um projeto, passei isso com a ideia da Igreja São Benedito, a gente tem que traçar um rumo para que o profissional, o arquiteto, os engenheiros, quem vai trabalhar nesse empreendimento, tenha a noção do trabalho que ele vai ter, para dar um custo. Aí, ao mesmo tempo, lendo, já está se falando de obra. E aí isso me dá um.... Perde no meio. Como eu vou aprovar situações e como tratar patologias se ainda nem levantei o dano? São coisas que nós cobramos da empresa MVituzzo, nós cobramos de um Paratodos. Eles foram rechaçados aqui, do jeito que trataram o patrimônio. Estou tentando trabalhar com isonomia de pensamento, pensamento de patrimônio. Juro, é nessa linha. O tempo, fala-se de um mês, é pouco demais para um complexo desse, para tanta coisa que se tem que avaliar e a reunião não foi um mês todo sentado e trabalhando, tanto que a conclusão, que foi enviada para nós na sexta-feira passada, eu fui fazendo uma análise do material todo durante a semana. No final de semana estava num evento de acessibilidade. Segunda-feira, fiz a tarefa, li o projeto inteiro, todo, texto, plantas, há equívocos, há confusões na interpretação. É corrido demais para a colega também pôr em papel. Eu entendo todo o processo. Teve uma pneumonia no meio disso tudo. Então, às vezes, me assusta, mas eu fui lá, li a planta, então, quando eu falo de aprovar, é assim, no meio daquele material que foi colocado, se fizermos uma deliberação, estamos deliberando por tudo. Existe uma planta que está retrabalhando a elétrica. O que está sendo feito para a elétrica? Eu faço leitura de uma planta. Então imagino que estão pensando em refazer a transformação da cabine primária, que sai com 13 mil volts e vem aqui” (a arquiteta aponta para a planta que está sendo projetada) “para a ‘Casa dos Horrores’, que a gente chama, que transforma em 220 volts. Há de ser mudada, sim. Estava sendo estudado disso ser transformado por trechos, mas não tem texto, não tem fala, tem um projeto. E esse encaminhamento de elétrica vem da cabine primária, aí ele percorre a rua, entra na rua entre a Fundação e ele pega o prédio da Fundação e coloca uma cabine de transformação lá dentro. É um prédio considerado nobre para o uso. Aí, aquela saída lateral da Fundação não existirá mais, será uma parede com uma transformação. Tem motores lá dentro? Ali é o melhor lugar? Se eu deliberar, é isso que está sendo deliberado junto. Ali não seria o melhor local, talvez até



do outro lado. Em colocando isso, entendo que nem vai ser mais Fundação. Aí eu vou fazer uma colocação minha, pode não caber, mas acho uma perda, pois tem um local que vai ter eventos, uma instituição que é cultural, que trabalha e cuida de Revelando São Paulo, Festa do Mineiro. Aqui é o suporte para tudo isso. A gente guarda material e sai. Mas, ok, isso é direito do prefeito. O prefeito vai decidir, não eu como funcionária. Eu deixo registrado, mas essas transformações fizeram esse questionamento. Em mudando de uso, que uso o galpão terá? Que eu deva transformar aquela porta num depósito? Ele me traz esse questionamento". O Sr. Washington Freitas pede para interromper um instante, para dizer que há dois fatores, montado o grupo de trabalho, mesmo sendo um trabalho complexo que pode ficar "ad eterno", mas tem que ter deliberação e esta reunião, assim como a outra que era como esta, é exatamente para tirar essas dúvidas. Então se tem a dúvida em relação à cabine primária, que seja colocada a dúvida e esclarecida junto ao projeto e mais, do ponto de vista da instituição, e aí não cabe especificamente ao COMPHAC, haverá outras discussões, consultas públicas, etc., mas o presidente garante, que do ponto de vista da Fundação, o prefeito afirmou diversas vezes, inclusive em TV recentemente, que a Fundação permanece, não saindo desta área. Mas em relação ao projeto as dúvidas devem ser colocadas para serem respondidas. A Arq. Sonia Di Maio, considera que: "o que foi apresentado, para colocar assim, é inexequível, eu não tinha a autonomia de ter essa segurança de falar, então, já que isso é posicionado, o projeto apresentado não pode ser aprovado, porque ele não condiz com a proposta de uso". A arquiteta pede para que se abra a projeção da planta do projeto e diz: "Nós temos que achar o grande, e, ao mesmo tempo, eu venho para o pequeno, veja bem, eu não tenho um texto explicando, faço a leitura da planta, essa é elétrica, aqui é a cabine primária (apontando à planta), a secundária, está aqui, Hoje, toda energia sai daqui, então sai 13 mil volts, corre por dentro do parque, perto do muro, naquele outro portão nosso, entra nesse portão, passa por pelo corredor do Projeto Guri, e vem para a cabine secundária, aqui ela é transformada em 220 volts, isso tem que ser refeito, há um laudo de engenheiro eletricista, apontando que isso teria que ser refeito. Então chegou a fazer um estudo que essa cabine transformaria, chegando lá perto daquele portão de novo, teria uma transformação e mandaria para um bloco, manda para outro, e começou a ter esse estudo. Não tenho a continuidade disso. Porque tem que ser feito. Só que nesse projeto eu leio isso aqui (apontando a planta), vem um encaminhamento, não sei o que é essa caixa de inspeção no meio. Um dos pontos seria talvez no canto, para uma manutenção, para quando tiver no futuro a manutenção, pelo que a gente vivencia aqui, eu acabaria bloqueando a passagem, então deixaria no canto. Quando vem, vem para uma cabine e quando eu dou zoom na imagem, isso aí é parede, e equipamento. Então eu quero saber, porque não tem texto" e continua, "É isso que estou falando, isso veio na planta para ser deliberada. E se a gente põe tudo, estou fazendo um ponto, se isso vai ter que ter uma discussão, é isso que está sendo discutido, é isso que está para deliberação, então, para mim, eu entendo que, olhar a elétrica, seria simples? É uma coisa para ser discutida". "A prefeitura pode contratar uma empresa para desenvolver, e isso vai discutir. Então esse projeto não entraria na aprovação. É isso que eu penso". O Arquiteto Ricardo Veiga, acredita que o que está sendo discutido é o principal, o que vai ser e como vai ser, no geral, esse conjunto quando ele passar a ser um centro de convenções, um centro de exposições e considera que toda a



discussão referente à elétrica, hidráulica e estrutura, se dará depois da decisão do que se deve fazer com esse conjunto do complexo. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella argumenta que se precisava ter um ponto de partida, para se ter uma noção de orçamento, uma base para estudar e os projetos complementares apresentados estão ainda figurando como uma base a ser aprimorada. O Arq. Robson Bernardo se manifesta, dizendo que a preocupação da Arq. Sonia Di Maio se dá, pelo fato de que não está explícito em nenhum lugar, que essa proposta é somente a base para o desenvolvimento definitivo do projeto, pois já aconteceu, em algumas deliberações feitas pelo Conselho, onde foi usado o projeto sem explicitação para se fazer intervenções que não se mostraram, posteriormente, as melhores soluções, sendo assim, considera que seria o caso de na hora das aprovações, se deixar bem claro o que está sendo deliberado ou não. A Arq. Sonia Di Maio afirma ser essa a intenção e prossegue: “O mesmo eu vou pedir para o projeto de hidráulica, também há uma compartimentação, então, para mim, não tem condições. Só pode vir depois, e aí entro na parte do projeto em si, da cobertura. A planta que vocês enviaram na sexta-feira talvez tenha sido corrigido aqui, mas na leitura há um equívoco de representação de cobertura, de acabamento, talvez também, olha, esse projeto que o COMPHAC vai deliberar hoje é uma ideia. A empresa, vai estar lá escrito, que ela vai ter que repensar a cobertura, vai ter que reapresentar o COMPHAC, vai ter que definir se essa é a melhor cobertura, a melhor forma, porque a representação está equivocada. Eu trabalho com a parte técnica do patrimônio, onde o registro é gráfico, o corte apresentado, no que ela mandou sexta-feira, por favor” (a arquiteta pede para que o desenho seja projetado), “isso aqui são janelas, nós não temos janelas, nós temos portas, as portas não são de vidro, são chapas metálicas, então, pode ser uma correção pelo vulto, pela pressa, pela rapidez. Alguns dados em patrimônio que nós, e que é cabido aos técnicos do departamento observar nos demais municípios, eu tenho que pontuar. Então, não é pessoal, gente, é minha função, isso precisa ser visto, o patrimônio não pode demarcar e apresentar assim, assim como nós cobramos das demais empresas, mas é com relação a essa representação aqui (a arquiteta aponta na projeção), no que foi mostrado no corte, tem um galpão.... É a apresentação ali, isso. A de baixo, a segunda prancha, essa aí, mais para baixo, volte ali só para eu poder mostrar qual é o galpão que nós vamos falar. É esse galpão amarelo aqui, a fachada dele aqui, a elevação, é naquele sistema de cobertura, e num corte, ele está apresentado como Shed, aqui. Ele nomeia o Bloco A, aqui embaixo como Bloco A do Conjunto 2 e ele traz essa representação. Não é esse o prédio, então, ele confere uma confusão na leitura do que realmente vai ser feito, já que é um trabalho para mostrar a simulação do que vai ocorrer. Pelo título.... Eu fui pelo escrito, entendeu?” (a arquiteta aponta na projeção). “Essa lateral aqui, eu queria saber se a gente, ao ficar observando essa resultante, se teria condições de pensar nela em algo que fosse uma chapa cimentícia, porque aqui eu observei que é o mesmo material que está em cima, ele me dá a sensação que vai dar aquele efeito dos galpões lá no Rio de Janeiro, sabe? Lá perto onde tem o cais, que eles pegam patrimônio e depois fica com cara de galpão o resultado dessa mistura, dessa lateral com a telha que é usada em cima, a percepção lateral dele fica com cara de um galpão ajustado e não um acabamento, talvez uma chapa cimentícia, um acabamento liso, porque eu sei que a janela não dá exposição é só a forma do acabamento que eu acho que dá uma resultante não tão esperada”. A arquiteta pede para abrir o documento com relação à



passarela que ela anexou, e continua: “Fiz uma junção”. “Não é a forma do que eu vou mostrar, não é bonito, não tem estética de gosto final, o que eu quero colocar é que a passarela ainda, no que foi apresentado, vem como uma intervenção urbanística. Estamos mexendo no urbano, mas é um patrimônio junto ao urbano. Pode não ser consenso, não tem problema. Eu só precisava pôr o conceito de patrimônio. A minha visão não é falar que vai pensar em pôr algo assim, porque estou falando de uma ferrovia, porque estou falando de um trem, vou querer algo nessa linguagem, não é isso” (a arquiteta aponta na projeção). “Isso aqui é uma intervenção urbanística. Ela chama a atenção, ela é um ponto, ela é uma intervenção, que vai ter a sua estética, a sua beleza, porque tem um motivo. Isso aqui foi só para mostrar. De repente, com uma estrutura de ferro para passar por baixo dessa passarela, que foi comentado de não ser estaiada e não aguentar, tem condições de usar material que vai dar leveza”. “É uma leitura que não fica interessante, mas os vãos que se consegue... Outra linguagem. Ela pesa, vai ter uma caixa, o branco, a leveza que já vai dando. Aqui, não gosto desse guarda-corpo, não gosto das coisas, mas olha o vão que se consegue. Onde, de repente, eu tenho um elevador, uma estrutura, que eu consigo jogar o peso. Consegue se transpor naquela passarela sem que ela seja estaiada, porque os estais vão chamar a atenção, o foco vai estar ali, o entorno vai se perder. Isso aqui foi só para ilustrar”. “Tem escada também, tem a saída como se fosse do outro lado. Mas é muito mais tacanho, muito mais simples. Não gosto desse fechamento. É para mostrar a intenção dessa linha. Aqui um outro em Santos também, que eles fizeram e conseguem vencer com um ponto, se eu tenho a linha do trem passando, de repente um ponto dá para se colocar. Isso aqui já é um casulo que fizeram, mas tem a terra que segura”. “Na representação, a passarela chega e ela atravessa o muro e ela se projeta em balanço sobre essa rua. Não tenho as dimensões, a largura no primeiro projeto era de quase cinco, agora está seis, praticamente, a largura, pela cota apresentada. Mas uma massa que vai vir no alinhamento do meio da pista, peguei por proporção o quanto tinha essa largura, e nós medimos, tem dois e meio. Como na imagem ela passa um pouquinho do meio, está dando quase cinco metros de distância só desse volume da passarela. A proporção que pensamos, é que essa passarela vai chegar ao corpo até aqui” (a arquiteta aponta na projeção) “e está nessa direção onde eu tenho a árvore. Chego a pensar que se ela vai passar, ela vai precisar tirar a árvore. Acho que do lado de cá não dava para ela avançar na rua e aquela escada projetada já vai ter que tirar a árvore. Parece que não faz sentido ela descer depois do canteiro, uma vez que já vou mexer no canteiro. Se ela descer no canteiro, você fica menos avançado, o que significa um corpo menos na frente da portaria, na obstrução do patrimônio. Lá para o lado da Sebastião Gualberto, ela fica em balanço, ela tem um balanço, ela se projeta, ela está afastada tanto da estação quanto aqui da edificação. Mas desse lado ela vai ficar um corpo”... (a arquiteta aponta na projeção). “Fiz uma montagem agora, antes da reunião”. “Imagina que ainda vou estar vendo, a gente enxergaria a parte de baixo, mas ela está nessa relação aqui, o corpo da passarela. Talvez, se ao fazer o projeto, mostrasse uma perspectiva aqui, fica mais fidedigno que isso aqui que estou fazendo. Mas vou ter aqui um corpo da escada, o corpo daquele pilar e mais o corpo da passarela. No início daqui ele é muito embrutecido, dessa forma, no patrimônio, acho que essa chegada aqui foi a que mais afetou o patrimônio. Gostaria, na minha opinião, que isso aqui fosse revisto”. O presidente agradece as colocações



da técnica. A Arq. Lydia Norina Macharett Frangella se compromete a levar para a equipe técnica as colocações feitas pela Arq. Sonia Di Maio e apresenta novas vistas do projeto da passarela. O Arq. Ricardo Veiga observa que a posteação sugerida no projeto, diminui ainda mais o fluxo e acredita que se poderia inverter sua locação para o outro lado da pista, observa também, que no projeto executivo da passarela, se conseguiria reduzir os estais para o número de dois ou três, o que já resolveria, limpando ainda mais o suporte da passarela e as colunas podem ter a forma mais retilínea, verticalizada e acredita que no geral é isso que está sendo aprovado nessa reunião, o conjunto e o partido da travessia sobre a ferrovia. O presidente agradece as colocações feitas pelo conselheiro, e questiona se mais algum conselheiro gostaria de se manifestar, não havendo quem mais quisesse fazer uso da palavra, propõe o início da votação, lembrando a determinação de que o projeto executivo e os projetos complementares, quando concluídos, deverão ser submetidos à aprovação pelo COMPHAC. O Arq. Gilberto Cunha, considera que, apesar de estar acordado, definido em reuniões do grupo de trabalho, a solução de elevar o pé direito da parte interna dos galpões readequados, a solução técnica desse envoltório, ainda merecem ser mais trabalhadas, possibilitando um pouco mais de concordância com a situação, reafirma que, apesar da concordância em se elevar o pé direito, de uma modulação mais limpa internamente, que levará um melhor aproveitamento interno para vários tipos de exposições, ainda existe a limitação da configuração das entradas que permanecem com a altura que estão, as mesmas larguras, bem como o paredão resultante na cobertura que, embora não apareça do ponto de vista do pedestre que está circulando por lá, ele ainda não é uma solução definitiva, acredita que isso seja uma situação intermediária, que foi modelada para que se pudesse ser percebida, ainda está discordante do que se imaginava e faz questão de que isso não pode ser uma solução que seja definitiva. O Arq. Ricardo Veiga explica que essa altura se dá por causa da cumeeira da tesoura e acredita que hoje, existem tipos de cobertura com um caimento muito menor e uma viga de concreto faria uma platibanda para esconder o telhado, poderia ser até um tipo de solução mais plana de cobertura metálica para tentar diminuir essa platibanda, até porque, internamente, do parque não vai se conseguir ver isso direito, só de fora, da avenida Sebastião Gualberto, se teria visão da ponta da cobertura, mas o arquiteto acredita que se diminuindo a cumeeira da tesoura, se diminui o paredão. O Arq. Gilberto Cunha observa que até o momento, se estava falando somente do ponto de vista do pedestre sob o solo, mas que agora está se falando do pedestre sob a passarela que se pretende caracterizar como uma entrada importante do Parque e que a partir dela vai se ter evidenciada a visão do paredão devido ao tamanho do pavilhão. O Sr. Washington Freitas agradece as ponderações feitas e encaminha a votação, entendendo que o que está sendo votado é a autorização do partido desse projeto e que, obviamente, nos projetos executivos e complementares se retoma a discussão para dar os aperfeiçoamentos necessários e colocada a pauta em votação, a pauta é aprovada com sete votos a favor, 2 abstenções e um voto contra. A conselheira Arq. Prof.^a Dra. Dilene Zapparoli, pede a palavra para justificar seu voto contrário, pois acredita que é preciso estudar mais casos de intervenções em bens tombados que se tem no Brasil, com soluções sensacionais que poderiam evitar a descaracterização desse bloco, respeitando inclusive o uso, que precisa ser melhor definido, para se saber de fato, o que vai acontecer dentro desses espaços. A



conselheira manifesta que não é contra uma renovação, quanto a valorização, pelo contrário, acredita que a proposta vai dar outra “cara” para esse lugar e se precisa disso, que se precisa valorizar o patrimônio ocupando e enxerga que é isso que está por trás dessa proposta maior, mas, ao mesmo tempo, considera que esse patrimônio, que está a tanto esperando uma proposta que vá valorizá-lo, que não se pode cometer o erro de descaracterizá-lo, devido a sua importância para o município, devido a toda história a ele agregada, daí a sua preocupação em não descaracterizá-lo, pois como disse, há vários exemplos muito bons de solução, que podem servir como referenciais para um projeto nessa área. O presidente agradece a colocação, concordando que o prédio do Sesc Pompeia é um exemplo, a se referenciar, como sugere a conselheira, quando se avançar no projeto executivo, sendo assim, não havendo pontos a serem tratados no [terceiro item da pauta](#): “Assuntos de interesse geral do Conselho”, o Sr. Washington Freitas agradece a presença de todos, dando por encerrada a reunião. Eu Robson Bernardo lavrei a presente ata, em 10 folhas e que vai assinada pelo Presidente e por mim.

Robson Bernardo
Secretário do COMPHAC

Washington Freitas
Presidente do COMPHAC